

Enquanto a pesca do bacalhau se rege por normas mais ou menos invariáveis de um ano para outro, a actividade dos nossos atuneiros tem uma maior independência de acção. A procura de mercados para a colocação do atum tem levado os nossos atuneiros até diversos portos de África, América e Europa, revestindo, portanto, dum certo indutismo grande número dessas viagens. Para ilustrar o que dizemos, apresentamos uma bela panorâmica do atuneiro «RIO ÁGUEDA» entrando em Veneza, a singular cidade italiana a que muitos comparam a nossa cidade de Aveiro



E P A

FLÂMULA

ANO I N.º 3
— 1962 —

entardecer

Entardecer... É quase o fim do dia...
Tingiu-se de ouro rubro o horizonte.
Ao longe, a espreitar atrás do monte,
O sol é um brazeiro em agonia!

Ecoa brando o murmurar da fonte,
Vibra no mar um sopro de poesia.
Passam trabalhadores em romaria,
E um barco cruzou-se além na ponte.

Escondeu-se por fim o sol ardente.
O doce azul do céu, cor de turqueza,
Cobriu-se duma névoa transparente.

Ouve-se ao longe um sino a soluçar...
E o grande coração da natureza,
Eleva a sua voz para rezar.

maria celeste

Após prolongada doença, faleceu no dia 19 de Abril último, em Braga, o Ex.^{mo} Sr. Jeremias Tomás Cardoso que foi, durante muitos anos, sócio da Empresa de Pesca de Aveiro.

Grande comerciante e industrial nas praças do Porto e Braga, impôs-se sempre pelo seu aprumo moral, qualidades de trabalho e afabilidade no trato, deixando grande saudade em quantos o conheceram.

À Ex.^{ma} Família enlutada apresentamos as nossas sentidas condolências.

noticiário

instantâneos pessoais

Fizeram anos este mês: Capitão Trindade Paião, em 2/6; Eng. Paulo Seabra, em 17/6 e Maria de Fátima, em 28/6. Fazem anos próximamente: José Fernandes, em 16/7; Manuel Lino, em 4/8; Orlando Melo, em 11/8; Inocência Cova, em 14/9; Carlos Jerónimo, em 20/9; Carlos de Almeida, em 24/9 e João Dias Leite, em 25/9.

Fomos há dias desagradavelmente surpreendidos pela notícia de o nosso colega Adriano Robalo ter sido mobilizado para o Ultramar, seguindo as pisadas de José Lino, que, conforme noticiámos, já se encontra em Angola. Daqui desejamos as maiores felicidades a Adriano Robalo e um rápido regresso ao nosso convívio.

O colega Osvaldo Mesquita continua a prestar o serviço militar em Tancos e no próximo mês de Agosto, será incorporado mais o colega José Claudino.

o nosso grupo

Têm continuado com mais ou menos assiduidade os treinos de voleibol. O número de praticantes é ainda muito limitado, mas esperamos que seja encontrada a solução para o aumentar. Seguindo o nosso exemplo, estão já a praticar a modalidade o Banco Português do Atlântico e a Fábrica Aleluia.

Iniciaram-se os estudos para dar constituição legal ao nosso grupo, tendo sido nomeada uma comissão para estabelecer o respectivo regulamento. Para já, existe uma boa mão-cheia de sugestões apresentadas pelos empregados, que prometem à futura direcção do nosso grupo uma interessante actividade.

noticiário da frota da E. P. A.

Regressaram da sua primeira viagem os arrastões «SANTA MAFALDA», «SANTO ANDRÉ», «RIO ALFUSQUEIRO» e «SÃO GONÇALINHO», com bons carregamentos. Já partiram de novo para os pesqueiros, onde ainda permanecem o «SANTA JOANA» e o «SANTA PRINCESA», que farão apenas uma viagem.

Também se encontra em Aveiro a descarregar o atuneiro «RIO VOUGA», depois de uma viagem excepcionalmente longa, por mares de Angola e Açores. Nestes, encontra-se actualmente o «RIO ÁGUEDA», a completar carregamento.

flâmula

boletim do pessoal para o pessoal da
EMPRESA DE PESCA DE AVEIRO

n.º 3

junho
1962

redacção
administração

praça eng. José Frederico Ulrich
n.º 10 — aveiro

director
editor
redactor principal

Carlos Grangeon Ribeiro Lopes
Manuel da Silva Reis
Carlos Alberto da Silva Jerónimo

propriedade

grupo recreativo do pessoal da
Empresa de Pesca de Aveiro

composição e
impressão

tipografia «a lusitânia»
aveiro

sumário

- ★ a natureza e a vida
eng. paulo seabra
- ★ 2000 anos da história do trabalho
- ★ cantinho da mulher
maria josé
- ★ entrada do «santo andré»
eng. maia e moura e carlos jerónimo
- ★ focas no jardim
- ★ fazendo história...
joão asevedo
- ★ escrever para ser lido
- ★ a importância actual da fotografia
joaquim félix
- ★ noticiário
- ★ entardecer
maria celeste

deles de renome internacional), que pela sua expressão mostram nítidas fisionomias de angústia, de alegria, etc. Porém, outros há que pela sua imaginação são vivos e surpreendentes — em alguns casos tão incompreensíveis.

E, finalmente, outros artistas acabam por afirmar que a fotografia tem lugar idêntico ao da pintura, podendo mesmo enfileirar junto de telas de renome.

A fotografia será arte?...

joaquim félix



A fotografia é tão importante em todos os sectores da vida moderna como propriamente a escrita de imprensa. Ela adquiriu na actualidade uma posição de tamanho relevo, que se tornou já um instrumento quase indispensável em todos os sectores.

No campo científico, a humanidade obteve já os seus importantes como benéficos efeitos.

No campo cultural e instrutivo são já inúmeros os mestres que em escolas ensinam os seus alunos através da fotografia, proporcionando-lhes novas ideias e tirando-lhes dúvidas, que, de outra forma, se não podiam explicar tão concretamente.

Também para a indústria, o seu desenvolvimento é enorme, pois se assim não fosse, o que seria o mundo das estrelas de cinema e de tantos outros ídolos que à custa da fotografia se vêem através de revistas, jornais, e tantos outros meios publicitários tão correntes dia a dia?

De todos os benefícios e bem-estar que nos proporciona a fotografia há ainda muitos ensinamentos a esperar, desde que a sua utilização seja honesta e sincera.

2 A fotografia será arte? Muito se tem escrito sobre este tema, mas se há opiniões contrárias, os grandes magnatas no assunto, insistem e afirmam que a fotografia atingiu a maioridade como arte. Em todo o mundo se fazem exposições sobre fotografia, cada vez mais visitadas por um público numeroso e interessado.

Reconhecida a máquina fotográfica como meio de expressão artística, há milhares de pessoas que procuram tirar dela o partido que julgam mais conveniente.

Se há quem tire fotografias simplesmente para recordar os momentos felizes, outros há que observam o tema na sua maneira de sentir, e por isso vivem os momentos que a sua «câmara» captou.

Por vezes tira-se um instantâneo inesperado. E o que nos levou a fazê-lo? Foi aquilo que nos emocionou, foi coisa que nos pareceu dramática, bela ou triste, ou ainda uma cena de paisagem, que nos despertou interesse.

Alguns críticos de arte, costumam apreciar trabalhos de pintura dizendo que não têm alma, que são simples banalidades, classificando-os de meras pinturas «fotográficas».

Querem dizer com isto que eles não revelam emoção. Hoje um fotógrafo de «categoria» ou simplesmente imaginoso, pode equiparar-se a qualquer outro artista.

Temos visto e apreciado já muitos trabalhos fotográficos (alguns

estímulo e colaboração

Ao apresentarmos o terceiro número da «FLÁMULA», não queremos deixar de agradecer penhoradamente as boas palavras de felicitações e estímulo que nos têm sido amavelmente dirigidas.

É sempre agradável receber provas de compreensão e incentivo, que muito nos ajudam a vencer as pequenas dificuldades e trabalhos que tornam simultaneamente grato e espinhoso o cumprimento da missão de que fomos incumbidos.

Iniciamos hoje, como prometemos, a transcrição de artigos traduzidos das revistas francesas «Travail et Maitrise» e «Secretaires d'Aujourd'hui». Estamos certos de que desta forma valorizamos o nosso Boletim, mas isto não será motivo para afrouxarmos o nosso empenho em promover a colaboração de todos os empregados da E. P. A., tanto dos de terra como dos de mar, para que se mantenha no nosso Boletim o carácter que sempre deverá ter de meio de comunicação e aproximação de todo o pessoal da Empresa de Pesca de Aveiro.

Esperamos que todos os colegas correspondam aos apelos que lhes temos feito e nos enviem a sua colaboração, que será sempre bemvinda.

a natureza e a vida

pele eng.º paulo seabra

2 Estrutura do átomo.

No artigo anterior demos uma ideia genérica da constituição da matéria, isto é, que todos os corpos, desde o ar e o ferro, às estrelas e à própria luz, são formados por moléculas e estas por átomos.

O mundo que nos rodeia tem, pois, natureza atômica, não é mais do que um agregado de átomos. Em suma, toda a matéria é composta por átomos.

O problema da constituição da matéria apaixonou desde sempre a humanidade. Recordemos um pouco de história.

Primitivamente, supunha-se que a Natureza era formada pela combinação de elementos contínuos e infinitamente divisíveis, tais como o ar, terra, água e fogo. Mas já na antiga Grécia (séc. IV e V A. C.), Leucipo e Demócrito imaginavam a matéria como um agregado de uma infinidade de partículas não divisíveis, os átomos (grego: *atomos* = indivisível). Epicuro (séc. IV — III A. C.), também considerou os átomos indivi-

síveis, doutrina esta que persistiu até o séc. III D. C..

Porém o pensamento físico decaiu com Sócrates que orientou a filosofia para os problemas morais e com Platão que atribuía ao espírito a natureza de todas as coisas. Durante toda a Idade Média prevaleceu a doutrina de Aristóteles, considerada de inspiração divina, e que supunha não haver limite à divisibilidade da matéria.

A doutrina atomística voltou de novo a tomar posição em fins do séc. XVI e na primeira metade do séc. XVII, com Bacon e Galileu. Porém, só a partir dos fins do séc. XVIII, com Dalton, considerado o fundador da teoria atômica actual, e Lavoisier, Proust, Richter, Gay-Loussac, ao estabelecerem as leis fundamentais da Química, o conceito adquire precisão.

Com efeito, estas leis são interpretadas na base da teoria atômica que admite que cada espécie química simples, ou elemento, é constituída por partículas indivisíveis e todas iguais — os átomos desse elemento.

Mais tarde, com a descoberta da radioactividade (propriedade que certos elementos possuem de emitir espontaneamente radiações), por Henri Becquerel, em 1896, o conceito da indivisibilidade do átomo perdeu o seu valor. Becquerel descobriu que o urânio emitia espontaneamente radiações que eram capazes de impressionar as chapas fotográficas. As partículas emitidas são, afinal, fragmentos de átomos. Um elemento transformou-se espontaneamente noutro elemento. É assim se verificou a fragmentação dos átomos e este facto veio modificar inteiramente as ideias anteriores, pois os átomos são agora considerados divisíveis e portanto complexos. Foi na base das experiências de Lenard (1862-1947), Rutherford (1871-1937) e Niels Bohr (1885)

a importância actual da fotografia



ANTES DO CREPÚSCULO

Foto de Joaquim Lemos da Silva Félix

1 Há um provérbio chinês que diz: «Uma imagem vale mais do que mil palavras». É tão velho este provérbio como o é também o seu povo e a sua civilização. Hoje, na época tão veloz em que vivemos, a fotografia ocupa na vida quotidiana um lugar primordial.

Se pensarmos que os jornalistas e repórteres fotográficos que dão as notícias ao mundo, fossem privados deste meio para poderem levar junto dos seus leitores as «últimas» dos acontecimentos mundiais, o que seria da imprensa de hoje?

Algumas ordens de grandeza

A teoria cinética dos gases permitiu determinar aproximadamente as dimensões dos átomos. O átomo de hidrogénio é, grosso modo, comparável a uma esfera de raio igual a 10^{-8} cm (1 décimo de milionésimo de milímetro), ou, em outros termos, 10 milhões de átomos dispostos uns após outros formariam uma cadeia de 1 milímetro de comprimento; e o raio do núcleo é da ordem de 10^{-13} cm.

A quase totalidade da massa do átomo está concentrada no núcleo, cujo volume é cem mil vezes inferior ao do átomo.

O átomo é então constituído por um vazio quase total no centro do qual se encontra uma partícula muito densa; se compararmos as dimensões do átomo às duma casa, o volume do núcleo seria reduzido à cabeça de um alfinete. Se pudessemos separar todos os espaços vazios compreendidos nos átomos de um arranha-céus, este seria reduzido às dimensões dum caroço de cereja: mas um caroço de cereja de 30 000 toneladas!

A massa do electrão é igual a $9,1083 \times 10^{-28}$ gramas. O protão e o neutrão têm aproximadamente a mesma massa e

são 1840 vezes mais pesados que os electrões.

Sendo a massa dos electrões extremamente pequena, a massa do átomo é sensivelmente igual à soma das massas dos protões e neutrões do núcleo.

★

As ordens de grandeza referidas são difíceis de conceber e parecem realmente bizarras ao nosso pensamento, tal é a pequenez das partículas constituintes dos átomos. Todavia, os mais recentes progressos da física, mostram que o átomo possui uma estrutura ainda mais complexa do que a indicada, tendo sido descoberta uma série de novas partículas, num total de vinte e cinco.

Apesar disso o problema da constituição da matéria ainda não está bem definido, tão complexas são as leis que regem o campo do muito pequeno.

Os cientistas dispõem de conhecimentos vastíssimos e de aparelhagem cada vez mais aperfeiçoada e potente, que lhes permitirão descobrir, talvez, num dia não muito longínquo, quais são as partículas elementares dos corpos, isto é, os constituintes últimos da matéria.

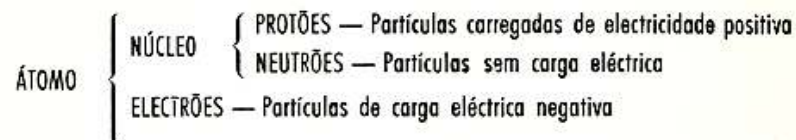
A seguir: **Radioisótopos e energia atómica.**

que se ficaram a conhecer os constituintes dos átomos. Vejamos então qual a sua estrutura.

Estrutura do átomo

Todos os átomos são compostos por um **núcleo** central, em volta do qual gravitam **electrões**.

Esquematisando, temos



O átomo é comparado a um pequeno sistema solar, no qual o núcleo ocupa o Sol e os electrões os planetas; por isso, os electrões são designados habitualmente por electrões planetários.

O átomo é electricamente neutro. Cada protão é equilibrado por um electrão e o conjunto dos constituintes do átomo é ligado por forças de origem eléctrica.

No sistema solar, o movimento dos planetas é devido à atracção do Sol; nos átomos, o movimento dos electrões resulta da atracção da carga positiva do núcleo (pois que dois corpos carregados de electricidade contrária atraem-se — lei de Coulomb). Entretanto, devido ao seu movimento circular e elíptico, os electrões são igualmente solicitados por uma força

O núcleo é formado por **protões e neutrões**.

Os protões são partículas carregadas de electricidade positiva; os neutrões são desprovidos de carga eléctrica; e os electrões possuem uma carga eléctrica negativa igual à carga elementar.

centrífuga que equilibra a força de atracção de Coulomb, de tal maneira que ficam em órbita.

Quando se diz que os electrões gravitam em torno do núcleo, devemos pensar num movimento tão rápido, que o electrão se encontra por toda a parte e forma em volta do núcleo uma espécie de um denso invólucro.

Calculou-se que o electrão efectua em volta do núcleo 7 000 triliões de voltas por segundo!

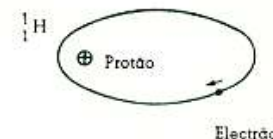


Fig. 1 — Modelo dum átomo de hidrogénio (1 protão e 1 electrão)

O átomo mais simples é o hidrogénio (fig. 1), formado por

um electrão planetário e por um núcleo composto unicamente por um prótio.

Os outros átomos têm uma estrutura semelhante à do hidrogénio, variando no número de electrões e na constituição do núcleo. Por exemplo, o átomo do hélio (fig. 2) é constituído por um núcleo com 2 protões e 2 neutrões, à volta do qual giram 2 electrões; o átomo de carbono (fig. 3) é formado por 6 electrões planetários e por um núcleo (fig. 4) com 6 protões e 6 electrões. Por razões de simplicidade representam-se as trajectórias dos electrões do átomo de carbono como circulares e supostas todas num plano.

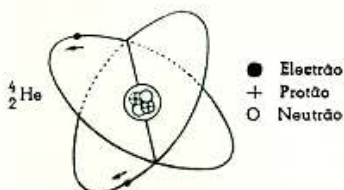


Fig. 2 - Modelo dum átomo de hélio (2 electrões planetários e núcleo com 2 protões e 2 neutrões)

O número de electrões é uma característica essencial de cada espécie de átomos. Os electrões distribuem-se em sucessivas camadas em volta do núcleo, dependendo o seu número por camada de condições bem determinadas que regem o comportamento físico e químico dos elementos. Os electrões que gravitam em volta do

núcleo são particularmente estáveis e os que se encontram sobre a periferia do átomo são instáveis.

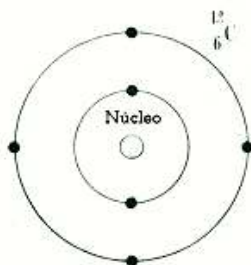


Fig. 3 - Átomo de carbono (6 electrões planetários e núcleo com 6 protões e 6 neutrões)

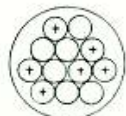


Fig. 4 - Esquema do núcleo do átomo de carbono (6 protões e 6 neutrões)

O átomo de hidrogénio tem 1 electrão, do hélio 2, o lítio 3, o berílio 4, o boro 5, o carbono 6, o azoto 7, o oxigénio 8, etc., até ao úrânio que é o átomo natural mais carregado, com 92 electrões planetários.

*

Uma vez que o átomo é eléctricamente neutro e que cada electrão possui uma carga eléctrica negativa igual à carga eléctrica positiva do núcleo, conclui-se que a cada carga positiva do núcleo corresponde um electrão. Portanto, o número de protões do núcleo é igual ao número de

● procure palavras concretas

É difícil compreender termos abstractos. Prefira sempre uma palavra concreta, que produza uma imagem. Isto nem sempre é fácil. Quando nos familiarizamos com um termo abstracto, temos tendência para esquecer essa sua condição. A arte da publicidade reside na criação de imagens que se gravam facilmente no espírito dos leitores: «A riqueza dos trópicos na vossa mesa».

Conseguindo ser verdadeiramente lido, chamar-se-á a atenção do leitor. Assim ficará capaz de agir conforme os seus desejos. Terá uma opinião mais elevada sobre si, quer seja o seu patrão ou um simples colega. Não terá necessidade de si para «esclarecer um ponto de detalhe».

Pode constatar que se escrever claramente, pensará também mais claramente. Acontece que um raciocínio confuso se dissimula sob uma amálgama de palavras. Numa frase curta e clara, o erro de raciocínio solta aos olhos.

Ao fim de certo tempo, quando tiver deixado os seus velhos hábitos, compreenderá que escrever de forma simples é mais fácil que o contrário. Escreverá ao mesmo tempo, melhor e mais.

SECRETAIRES D'AUJOURD'HUI
Março 1961

falecimentos

Poucos dias após a publicação do segundo número de «Flâmula», recebemos a notícia de que havia falecido a bordo do «São Gonçalves» o seu radiotelegrafista Renato João Cunha Pereira. O funesto acontecimento registou-se em 22 de Abril e a causa da morte foi uma síncope cardíaca.

Pessoa muito estimada pelo seu trato afável e qualidades de trabalho, a sua morte foi muito sentida por todos nós. Queremos registar nestas páginas o nosso sentimento de pesar, que manifestamos a sua viúva, D. Maria Parente Dias Pereira.

Em 23 de Maio, faleceu também o tripulante do «Santa Princesa» Hermes Alberto de Miranda Milheirão, que uma volta de mar arrebatou pela borda, projectando-o num mar gélido que provocou a sua morte.

Apresentamos as nossas condolências à família enlutada.

A forma activa é sempre preferível à forma passiva ou negativa. Em vez de escrever: «pedimos nos desculpem por não podermos responder à vossa proposta antes de...», dever-se-á escrever: «responderemos à vossa proposta em...».

Os jornais, que nem sempre são modelares, devem ser, contudo, imitados neste ponto particular: «O Senado adopta a Lei X», melhor que «A Lei X é adoptada pelo Senado».

● respelte a regra dos 5 c

Estabeleceram-se cinco condições necessárias para tornar uma carta eficaz e, conseqüentemente, qualquer texto escrito:

	cortês
	claro
O estilo deve ser:	completo
	correcto
	conciso

Deve-se poder responder *sim* às cinco perguntas seguintes:

«Disse tudo o que era preciso dizer e tratei todos os pontos?»

«Consegui evitar qualquer erro, qualquer detalhe inexacto?»

«O estilo é claro e a pontuação correcta, sem nenhuma possibilidade de equívoco ou de mal entendido?»

«Adaptei bem o estilo à personalidade do correspondente?»

«A carta é suficientemente curta, para ser lida inteiramente, e clara, para não cansar a atenção?»

Se não for assim, faça-a de novo.

electrões e determina a carga total do núcleo: se um núcleo contém 10 protões, 10 electrões devem circular em volta do núcleo para formar um átomo neutro.

Ao número de electrões que gravitam em volta do núcleo de um átomo, igual ao número de cargas elementares positiva do núcleo, dá-se o nome de **número atómico** do elemento considerado.

Os átomos dispostos pela ordem crescente do seu número atómico, formam a classificação periódica dos elementos, estabelecida em 1868 por Mendeleeff. Há 92 elementos químicos naturais, desde o hidrogénio de número atómico 1, até ao urânio de número atómico 92.

O número total de partículas do núcleo — protões e electrões — denomina-se **número de massa** do elemento correspondente. Este número vem a ser o inteiro mais próximo do número que representa o peso atómico do elemento considerado. A simples análise de uma tabela de pesos atómicos indica-nos o número da massa do elemento.

A estrutura dum átomo fica definida pelo conhecimento do número atómico (Z) e do número de massa (A).

O número de neutrões (N) do núcleo é pois determinado por $N = A - Z$.

Assim, por exemplo, o número atómico (Z) do alumínio

é 13 e o número de massa (A) é 27; o átomo de alumínio é pois formado por um núcleo constituído por 13 protões e 14 neutrões ($N = 27 - 13 = 14$) em volta do qual gravitam 13 electrões planetários.

A representação dos átomos faz-se habitualmente da seguinte maneira: escreve-se o símbolo do elemento colocando à esquerda deste como índice inferior o número atómico e como índice superior o número de massa.

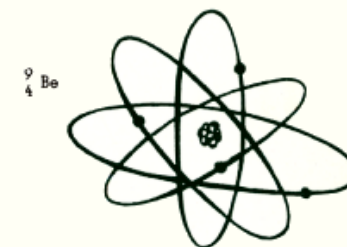


Fig. 5 — Átomo de berílio (4 electrões planetários e núcleo com 4 protões e 5 neutrões)

No caso do alumínio temos ${}^{27}_{13}\text{Al}$; para o hidrogénio (Fig. 1) ${}^1_1\text{H}$, número atómico 1 (1 electrão) e número de massa 1 (1 protão); para o hélio (fig 2) ${}^4_2\text{He}$, número atómico 2 (2 electrões) e número de massa 4 (2 protões e 2 neutrões); para o berílio (fig. 5) ${}^9_4\text{Be}$, número atómico 4 (4 electrões) e número de massa 9 (4 protões e 5 neutrões), etc.

continua na página 24

2 0 0 0

a n o s

d a

história

d o

trabalho

2.000 anos? Há realmente muito tempo que o homem trabalha. Mas tentemos analisar em alguns resumos, como tem sido o trabalho de há vinte séculos até aos nossos tempos.



a escravatura. Num dia de batalha, não podendo devorar todos os prisioneiros que tinha feito duma tribo rival, uma horda primitiva obrigou-os a efectuar os trabalhos mais duros. Tinha nascido a escravatura.

● **faça frases curtas**

Uma boa forma de melhorar o seu estilo é redigir em frases curtas. Quando uma frase contém várias ideias, é aconselhável fraccioná-la. Além de vinte palavras por frase, os seus leitores correm o risco de se fatigar. Divirta-se a contar o comprimento médio das frases de certos textos oficiais, de alguns relatórios ou notas de serviço. Depois, tente escrever a mesma coisa com menos palavras. Esforce-se por não conservar mais do que uma ideia por frase. É um excelente exercício.

● **evite as palavras supérfluas**

Percorra a sua minuta com a ajuda dum lápis e verifique cada palavra. Rejeite aquelas que não forem necessárias para a compreensão do texto. Utilizam-se sempre demasiados adjectivos e advérbios. Torne a ler o seu texto em voz alta. Aperceber-se-á melhor do valor das palavras.

● **empregue palavras correntes**

Não caia no erro de alguns que «para parecer bem» empregam palavras técnicas ou palavras estrangeiras quando existem equivalentes na linguagem de todos os dias! Como dizia já La Bruyère «chamem a um gato um gato» e não um carnívoro digitigrado.

● **desconfie do estilo falado**

Ao tentar ser persuasivo, corre o risco de se tornar familiar. O que se não nota dito de viva voz, muitas vezes não consegue superar a barreira da escrita. Evite a reprodução do estilo, das fórmulas que, suportáveis na linguagem falada (onde são sustentadas pelo tom), surtem deslocadas na expressão escrita.

● **utilize verbos activos**

Partindo da observação de que o leitor prefere sempre o *facto* à *opinião*, convém evitar todas as expressões desse género (sem dúvida, é possível, etc.).

escrever para ser lido

Se muitas pessoas têm já muita dificuldade em se fazerem compreender, que dizer então daquelas que não sabem escrever! Numa conversa, é muito fácil verificar na cara do interlocutor a impressão que lhe produzem as suas palavras. Se ele não compreender perfeitamente, poder-se-á repetir. Quando se escreve, não existe segunda oportunidade. As palavras escritas ficam no papel e, quer sejam boas ou mediocres, comprometem do mesmo modo.

A impressão que V. produz nas outras pessoas com os seus escritos é muito importante. Não falarei da apresentação material. Qualquer secretária digna desse nome já ultrapassou esse estado, pois cuida particularmente da disposição dos parágrafos e conhece a ortografia e a pontuação.

Mas isso não é suficiente. Se quiser que o seu texto seja lido e não apenas percorrido por um olhar distraído do seu correspondente, é preciso pensar na impressão que pretende produzir-lhe.

Lembre-se das suas próprias reacções de irritação perante um relatório longo e complicado. Esforce-se por conseguir um estilo claro e simples. Escreva de maneira a que o seu leitor compreenda todo o seu pensamento com o mínimo esforço.

Quem é o seu leitor? Eis uma pergunta importante e a que nem sempre é fácil responder. Convença-se que nunca se insulta a inteligência do leitor, mesmo culto, pelo facto de lhe apresentar um texto simples. E ao adoptar um estilo claro e simples, ter-se-á a possibilidade de se ser compreendido ao mesmo tempo pelo sábio e pela porteira.

Artigo traduzido da
revista «Secretaires
d'aujourd'hui» com
amável acordo dos
editores.



a servidão. A única diferença da escravatura é que foi quase só no domínio da agricultura que se desenvolveu a servidão.



o trabalho livre. Se deitarmos um olhar sobre a espécie de trabalhadores livres da antiguidade, veremos que eram a maior parte das vezes os infelizes, sem domicílio fixo, proscritos ou aventureiros que se alugavam para trabalhos semelhantes àqueles dos escravos. Muito cedo, uniram-se e formaram «Colégios de Artífices», cujos fins principais eram a entreaajuda mútua e a fixação de salários mínimos.



as corporações. Apareceram cerca do século XV, em Inglaterra, em França e na Alemanha, uniões de comerciantes e artífices, chamadas «guildes» e profissões. A hierarquia compreendia aprendizes, companheiros e mestres. A corporação previa regulamentos determinados. Interessava-se pelo contrato de compromisso, pelo salário, duração do trabalho, pela passagem a mestre e pela compra de matérias primas.



a era da máquina. O maquinismo é a consequência das verdadeiras revoluções comerciais, industriais e políticas que perturbaram a sociedade no princípio do século XIX. As condições de existência dos trabalhadores no século XIX estavam longe de serem sedutoras. A alimentação era má e pouco variada e o dia de trabalho longo.



a fase de estudo. No entusiasmo pela técnica, foi muito naturalmente para a adaptação do homem à máquina que se dirigiram os estudos. Normalizou-se o trabalho até aos ínfimos pormenores. Estudaram-se os movimentos do operário para evitar os tempos mortos. A mecanização e a organização do trabalho em cadeia conduziram o homem ao nível de peça de máquina.

Começa o jogo. As primeiras jogadas são de natural nervosismo, estudando-se as equipas mutuamente. Passado que foi este período, a equipa do Recreativo começou a tomar certo ascendente e consegue ganhar o primeiro jogo, embora com certa dificuldade, devida à brilhante resistência oferecida pelo seu adversário. O 2.º jogo, foi ganho igualmente pelo Recreativo, que evidenciou mais poder físico e beneficiou da natural desmoralização do seu antagonista, pelo que ganhou, ainda, os restantes 3 jogos que se seguiram, em jeito de desforra.

No final e como prémio da brilhante vitória alcançada, foi entregue ao Sr. Carlos Grangeon, pela nossa colega Maria José, um farto ramo de tramagueiras, gentileza que aquele Senhor agradeceu muito sensibilizado, não pelo valor intrínseco do referido ramo, mas somente pelo seu alto significado.

As equipas contendoras, foram dignas dos mais efusivos encômios pelo desportivismo que empregaram na luta, a par do seu melhor esforço e saber.

O juiz da partida, pela imparcialidade com que julgou todas as jogadas, é digno igualmente duma menção honrosa.

E aqui está, duma maneira muito sintetizada, uma história implemas verdadeira que, se outro mérito não teve, serviu no entanto para confirmar o Baptismo do nosso prometedo Grupo.

Antes de terminar, quero pedir mais uma vez muita desculpa pela pobreza das roupagens deste infimo historiador que quisera possuir as mesmas de um Heródoto, Walter Scott ou Alexandre Herkulano, para quem a natureza foi pródiga; mas, nessa impossibilidade, termina, com o mesmo ditado que no princípio mencionou: « Quem dá o que tem... a mais não é obrigado »!

A equipa do Grupo do Pessoal da E. P. A. de pé, da esquerda para a direita: Dax Leira, Carlos Jerónimo, Est.º M. Moura e Robi Jerónimo. Em baixo: Donatila, Maria de Fátima, Barros e Eng.º Sobrinho.





A equipa do Grupo Recreativo. De pé: Laurentino, José Lino, Félix, Grangeon e José Paulo (treinador). Em baixo: Manuel Lino, João Carlos e o autor.

um encontro de voleibol — uma vez que existiam nas duas facções vários elementos que vinham praticando este desporto há já algum tempo — de cujo resultado sairia a solução para o mal entendido existente, precisando a equipa com direito a fazer prevalecer as suas convicções, de ganhar 2 jogos seguidos ou 3 alternados. Depois de lançada a ideia, procedeu-se à sua materialização.

Organizadas que foram as equipas e escolhido o dia e hora mais convenientes para a efectivação do encontro, o mesmo teve lugar no campo situado junto ao Armazém do Canal, que foi palco duma interessante pugna desportiva onde não faltou a respectiva assistência que, embora reduzida, se mostrou muito entusiasta e ruidosa.

As equipas entraram em campo, devidamente ovacionadas pela assistência e depois de terem proferido as saudações do estilo, procederam à cerimónia da troca de galhardetes. Finda esta, que foi sublinhada igualmente com uma calorosa salva de palmas, o jogo ia começar, sob a arbitragem do Capitão Nordeste, que muito gentilmente anuiu ao pedido que lhe foi endereçado, sendo as equipas constituídas da seguinte forma;

« Grupo Recreativo »: — Carlos Grangeon, João Azavedo, José Lino, João Carlos, Manuel Lino, João Laurentino e Joaquim Félix (suplente).

« Grupo Pessoal da EPA »: — Eng.º Paulo Seabra, Eng.º Maia e Moura, Dias Leite, Guilherme Barraso, Carlos Jerónimo, Danzilia e Maria de Fátima (suplente).



a fase social. Os patrões e depois o Estado, levados por alguns grandes percursores, lançaram-se nas realizações sociais: os serviços sociais e serviços médicos multiplicaram-se. Mas é normalmente ao homem fora do trabalho e à sua família que se dirigem essas iniciativas. Por outro lado, estas realizações foram rapidamente denominadas de «paternalismo».



a fase das relações. No decorrer desta fase, acentuou-se a importância da função económica da empresa e da satisfação das necessidades dos indivíduos membros dessa empresa. O trabalhador foi interessado por uma forma ou outra na vida da empresa. Aliás, é evidente que as boas relações na fábrica favorecem a produção pelo desenvolvimento da boa vontade de todos.

Extraído do número
de Abril de 1962
da revista «Travail et
Maîtrise», por es-
pecial deferência

moda

Vamos neste número falar um pouco da moda, pois que estamos na estação privilegiada que é o Verão.

Todos os anos, no Verão, a moda sofre certas alterações, a que nós mulheres não ficamos indiferentes. Ora são as cores, ora os estampados ou a linha que dão nova face à silhueta feminina. A moda, contudo, deve saber usar-se, pois uma aceitação rígida ou a sujeição total a um género, cor ou estilo, torna o panorama da moda monótono e quase indesejável. Devemos saber escolher o que se adapta melhor à nossa silhueta.

Este Verão, vão usar-se «tailleurs» em tons claros, alegres e frescos. Os vestidos deverão ser estampados, cores alegres, com riscas ou lisos.

Para as horas elegantes, os vestidos vêm-se decotados nas costas e sem mangas. Vestidos práticos, onde predomina o género camiseiro.

Os sapatos, por sua vez, deverão ser mais abertos e com salto alto e fino.

segredos domésticos

★ As manchas esbranquiçadas que às vezes aparecem nos móveis envernizados, podem eliminar-se ou pelo menos atenuar-se, colocando um prato de loiça bem quente sobre elas.

★ A água de cozer batatas, quando usada muito quente, limpa na perfeição os talheres de prata.

★ O melhor processo de evitar a transpiração demasiada, é preparar-se uma solução de água com um pouco de vinagre e, com uma esponja, passá-la no corpo, depois do banho. O efeito é maravilhoso e refrescante.

fazendo história...

evocação por João Azevedo

Tudo ou quase tudo, possui a sua história, o porquê da sua existência.

Não fugiu a esta regra o proprietário do nosso Boletim: «Grupo Recreativo do Pessoal da E. P. A.». Sim! É verdade! Ele possui, também, uma história que, embora simples, lhe deu o ser e o consolidou.

É essa história que me permito contar, pedindo desde já muita desculpa a todos os leitores, se o não fizer com o brilho desejado ou com a imparcialidade que me anima. Mas, lá diz o velho ditado: «Quem dá o que tem!...»

Todas as iniciativas levadas a efeito pelo pessoal da EPA têm sido caracterizadas pela sua simplicidade, honestidade e imparcialidade, procurando não ferir susceptibilidades, contribuindo desta maneira para uma melhor compreensão e, conseqüentemente, uma melhor camaradagem.

Assim, não é tomada qualquer resolução sem que, previamente, se consulte o pessoal. Este critério, muito apreciável, tem sido seguido firmemente e foi aplicado já por diversas vezes, nomeadamente nesta que passo a relatar:

Tendo-se criado um grupo para o pessoal, faltava escolher a sua designação ou, melhor dizendo, oficializar o seu nominativo.

Para o efeito foram distribuídos os respectivos impressos, onde cada interessado expressou a sua opinião, procedendo-se, em seguida, à recolha dos mesmos e ao respectivo escrutínio.

Entre outras sugestões, houve duas que realmente se destacaram: «Grupo Recreativo do Pessoal da E. P. A.» e «Grupo do Pessoal da EPA».

Não passo precisar agora quantos votos teve uma e outra, mas parece-me que a do Grupo Recreativo, teve mais um voto a seu favor.

No entanto, os apologistas da outra designação não concordaram, alegando ter havido, embora involuntariamente, qualquer anomalia no resultado apurado, do que adveio uma ligeira divergência.

No louvável intuito de aplanar esta dificuldade, foi ventilada, então, a hipótese da realização de



Quando o «SANTA MAFALDA» entrou em Aveiro, de regresso da primeira viagem deste ano, soube-se com compreensível curiosidade que trazia a bordo duas pequenas focas, cujo destino não estava ainda determinado.

Por sugestão do nosso director, as focas foram oferecidas à Câmara Municipal de Aveiro, que recebeu com muito interesse essa dádiva. As duas focas foram instaladas provisoriamente num pequeno lago do jardim municipal, visto que não havia possibilidade imediata de serem colocadas no lago grande, actualmente em limpeza.

A existência das pequenas focas num local público como é esse jardim, suscitou um interesse inusitado. Durante o dia e mesmo até às primeiras horas da noite, a aglomeração de curiosos no local

focas no jardim

era constante. A cidade toda falava um pouco das focas, embora muitas vezes ignorasse a sua proveniência. O desconhecimento de certos pormenores fazia com que circulassem as histórias mais pitorescas acerca dos pequenos animais, certamente muito surpreendidos com a mudança de «habitat» e sentindo-se até grandes vedetas por tal número de admiradores.

Por ironia, porém, foram esses admiradores que causaram já a morte de uma das focas, por incompreensível inconsciência. No ventre da foca foi encontrado grande número de pequenas pedras, que lhe eram atiradas por brincadeira, mas que ela ingeria e haveriam de causar a sua morte.

Esperamos que acabem com esse divertimento pernicioso, para que a outra foca possa continuar a ser admirada por muitas centenas de pessoas e a constituir um atractivo do parque municipal.



culinária

sopa de camarão

Coze-se camarão e descasca-se. Pisam-se as cabeças, caudas e cascas no almofariz, molhando-as com o caldo respectivo.

O polme resultante leva-se ao lume com o resto do caldo, um tomate maduro, cabeças de nabos e cenouras cortados miúdos e, em estando tudo cozido, passa-se por um passador. Depois vai outra vez ao lume, juntando-se os corpos dos camarões, sal, pimenta, algum vinho branco e água suficiente e deixa-se opurar. Deita-se o caldo formado sobre pão frito ou torrado, em bocadinhos, servindo-se em seguida.

pato recheado

Depena-se, esvozia-se e chamosca-se um pato. Tira-se-lhe o estérno. Com o fígado, a moela e um bocado de toucinho gordo, faz-se um picado ao qual se juntam salsa picada, azeitonas sem caroço, cebola picada, 2 ovos cozidos ralados e miolo de pão embebido em leite.

Tempera-se de sal, pimenta e noz moscada.

Amassa-se muito bem esta mistura, que depois se introduz no pato, cosendo as aberturas com fio branco. Leva-se o pato a assar no forno, com sal, pimenta, e manteiga derretida.

bolos de arroz

500 grs. de açúcar
500 grs. de farinha
125 grs. de manteiga
3 ovos inteiros
1 colher de sopa de fermento
1/4 de litro de leite.


Bate-se a manteiga um pouco derretida com o açúcar, juntam-se-lhe os ovos, batem-se muito bem e vai-se juntando a farinha e o leite aos poucos.

Vai ao forno em forminhas pequenas, untadas com manteiga.

cantinho da mulher

coordenação de maria José

- moda
- segredos domésticos
- culinária



A ideia de irmos lá fora esperar um dos nossos barcos era já antiga, mas para isso eram necessárias determinadas condições de horário e... de mar! Tudo se conjugou para a chegada do «SANTO ANDRÉ», em 9 de Junho.


Às 06.00 horas entramos para o rebocador «FOZ DO VOUGA», quase em movimento e às 06.30 já avistávamos o «SANTO ANDRÉ».

A manhã, com o sol a despontar no horizonte e reflectindo-se em mil cambiantes nas águas da Ria, apresentava-se-nos maravilhosa, e o mar estava... como nós queríamos!

Ao aproximarmos-nos do «SANTO ANDRÉ», estabeleceram-se os primeiros contactos pela íonia, que serviram para troca de cumprimentos. Na ponte, avistámos os primeiros conhecidos. O piloto entrou para bordo e o rebocador começou a manobrar para a passagem do cabo de reboque. Pelo nosso lado, ansiávamos por passar para bordo do «SANTO ANDRÉ», mas o nosso dever de «reporter» mantinha-nos no «FOZ DO VOUGA».



reportagem dos nossos «enviados-especiais»
eng.º maia e moura e carlos jerónimo




Passado o cabo e levantado o ferro começou a viagem de regresso, mais cedo do que se previa, o que constituiu uma boa surpresa para aqueles que há tanto tempo se encontravam longe dos seus.

Entretanto, a nossa equipa de reportagem não tinha mãos a medir, tantos os pormenores que importava focar. A barra parecia aproximar-se de nós, liberta já da bruma matinal e com o sol, em esplêndido contra-luz, a realçar o farol e toda a paisagem ribeirinha. À entrada da barra avistavam-se algumas pequenas embarcações que regressavam da sua faina no mar e, nas penedias, viam-se já pescadores desportivos a tentarem a sua sorte. Sobre o paredão, alguns familiares dos tripulantes do «SANTO ANDRÉ», poucos, dada a hora matinal e por não se contar que o barco entrasse tão cedo, acenavam com lenços brancos, no que eram correspondidos de bordo.

Já dentro da Barra, o barco meteu para S. Jacinto, onde fundeou à espera de mare para seguir para a Gafanha.

Entrámos então a bordo, onde cumprimentámos os nossos conhecidos e amigos. Como o apetite apertava, talvez devido à madrugada e ao iodo, foi-nos oferecido o pequeno almoço.



No convés ia grande azáfama na passagem das bagagens para o barco que as transportaria. Notava-se uma ansiedade natural em todos os rostos pela chegada a terra, junto dos entes queridos. Como a maré tardava, a nossa equipa de reportagem teve de regressar antes do navio, na lancha que rebocava o barco das bagagens e às 9 horas, logo que chegámos a terra, demos por terminada a reportagem. A nossa pequena aventura tinha terminado.